

O EVANGELHO

*As boas-novas de que o Criador
justo e gracioso do universo atentou
para a condição de homens e mulheres,
pecadores sem esperança, e enviou
seu Filho, Jesus Cristo, Deus encarnado,
para carregar a ira contra o pecado na cruz
e mostrar seu poder sobre o pecado na ressurreição,
de modo que todo aquele que abandonar
o pecado e a si mesmo e confiar em
Jesus como Salvador e Senhor
será reconciliado para sempre com Deus.*

AGRADECIMENTOS

Quando penso na porção de graça de que precisei para tornar este livro realidade, agradeço a Deus por muita gente sob vários aspectos.

Agradeço a Deus por toda a equipe da Tyndale, particularmente por Ron Beers, Lisa Jackson e Jonathan Schindler, pelo encorajamento e pela paciência que tiveram comigo, pelos conselhos que me deram e pela confiança que depositaram em mim muito além do que eu merecia.

Agradeço a Deus por Sealy Yates. Se não fosse por seu trabalho incansável e sua amizade sincera eu teria me perdido no processo.

Agradeço a Deus por Mark Liederbach que gentilmente leu o manuscrito todo e me deu conselhos de valor inestimável que não só deram maior definição e profundidade ao livro, mas também serviram para minha alma.

Agradeço a Deus pela equipe Radical — pela sabedoria comprovada de David Burnette durante o processo de edição, pela atenção apaixonada de Angelia Stewart aos detalhes, pelo trabalho fiel de Cory Varden, pela liderança abnegada de Jim Warren e pela humilde dedicação despretentiosa das pessoas dessa equipe.

Agradeço a Deus pelos presbíteros, pelos funcionários e membros da igreja The Church at Brook Hills. Deus usou suas orações por mim e o apoio que me deram para que este livro se tornasse realidade. Sua confiança na Palavra de Deus e o zelo pela glória

dele entre as nações são testemunhos da graça divina nesses irmãos e irmãs de Birmingham, a quem amo intensamente.

Agradeço a Deus pelos milhares de missionários do Conselho Internacional de Missões (International Mission Board) que vivem na linha de frente por povos ainda não alcançados pelo evangelho em todo o mundo (e pelos milhares que, assim espero e oro, se juntarão a eles em dias futuros). Sinto-me grato e honrado por servir ao seu lado, por dedicar a vida juntamente com eles à proclamação do evangelho entre as nações.

Agradeço a Deus por minha família. Em outras palavras, este livro não teria sido possível sem os sacrifícios que meus familiares fizeram por amor a Deus, bem como amor por mim e pelos homens e mulheres que lerão o que escrevi aqui. Sento-me à mesa toda noite e olho admirado minha bela esposa, minha melhor amiga, Heather, e os semblantes dos meus quatro filhos Caleb, Joshua, Mara Ruth e Isaiah. Sou o mais abençoado dos homens.

Acima de tudo, agradeço a Deus por seu evangelho. Tremo só de pensar onde estaria se não fosse por sua graça e verdade reveladas em Jesus Cristo. Oro sobretudo para que sua graça concedida a mim redunde no engrandecimento dele (Jo 3.30).

INTRODUÇÃO

CONTRAPONDO-SE À CULTURA

Imagine-se no topo do mundo, observando de lá a vastidão da miséria humana.

Venha comigo para o coração das montanhas do Himalaia, onde, não faz muito tempo, conheci homens e mulheres lutando para sobreviver. Metade das crianças dessas aldeias em particular morre antes de completar oito anos de idade. Muitas não chegam a completar sequer um ano. Deixe-me apresentá-lo a Radha, uma mãe que teria catorze filhos se doze deles não tivessem morrido antes de chegar à idade adulta. Conheça Kunsing, uma criança com deficiência física que passou os primeiros doze anos de sua vida acorrentada em um celeiro porque a família achava que ela era amaldiçoada. Conheça Chimie, um garotinho que agora dá os primeiros passos e que perdeu a irmã e o irmão aos dois meses, o que levou a mãe ao suicídio e o pai a entregá-lo em desespero para a primeira mulher da aldeia que pudesse alimentá-lo.

O caso dessas crianças é tão chocante quanto o caso daquelas que sequer chegamos a conhecer. Algumas das aldeias nessas montanhas praticamente não têm meninas entre cinco e quinze anos de idade. Seus pais se deixaram convencer por promessas de uma vida melhor

para elas; por isso, as entregaram a homens que na verdade eram traficantes. A maior parte dessas meninas conseguiu ultrapassar a barreira dos oito anos de idade; no entanto, ao completarem dezesseis anos, elas são obrigadas a fazer sexo com milhares de clientes. Jamais verão suas famílias novamente.

Quando conhecemos pessoas, ouvimos histórias e vemos as faces da injustiça pelo mundo, como essas que acabei de relatar, é mais do que normal reagir com compaixão, convicção e coragem. A compaixão toma conta de nós por nos preocuparmos muito com as crianças, os pais e as famílias cujas vidas estão repletas de dor e sofrimento. A convicção nos invade por todos sabermos instintivamente que histórias desse tipo não deveriam acontecer. Não é justo que metade das crianças dessas aldeias do Himalaia morra antes de chegar aos oito anos. Não é justo que crianças com deficiências físicas sejam acorrentadas em celeiros a vida toda. É injusto que cafetões ludibriem os pais a vender suas filhas preciosas e as transformem em escravas sexuais. Em última análise, essa compaixão e essa convicção serão os combustíveis para a coragem — coragem para fazer alguma coisa, *qualquer coisa*, por Radha, Kunsing, Chimie, essas meninas, seus pais, suas aldeias e inúmeras outras crianças, mulheres e homens como eles no mundo todo.

À luz dessas realidades mundiais, sinto-me imensamente encorajado quando vejo tal compaixão, convicção e coragem na igreja de hoje. Quando ouço os cristãos contemporâneos falando (os evangélicos mais jovens especialmente, embora não exclusivamente), percebo uma oposição ferrenha às injustiças cometidas em relação a pobres, órfãos e escravizados. Observo uma conscientização maior com respeito às questões sociais: há muitos livros, congressos e novos movimentos voltados para o combate à fome, o alívio à pobreza e o fim do tráfico sexual. Em meio a tudo isso, noto uma profunda insatisfação com a indiferença na igreja. Nós simplesmente não estamos satisfeitos com uma igreja que faz vista grossa e se faz de

surda diante das realidades da injustiça social no mundo. Queremos que nossa vida — e a igreja — sejam relevantes para a justiça social.

Todavia, embora eu me sinta profundamente encorajado pelo zelo manifestado por tantos cristãos em relação a certas questões sociais, preocupo-me muito com a falta de zelo entre esses mesmos cristãos (especialmente, embora não só, entre os evangélicos mais jovens) por outras questões sociais. Certas questões que têm mais apelo popular, como a pobreza e a escravidão, em relação às quais a ação social costuma render aplausos e elogios aos cristãos, rapidamente nos mobilizam e nos levam a erguer a voz. Contudo, em questões polêmicas, como a homossexualidade e o aborto, pelas quais nós, cristãos, costumamos ser criticados, contentamo-nos em ficar mudos e de braços cruzados. É como se tivéssemos decidido quais questões sociais confrontar e quais tolerar. E as escolhas que fazemos geralmente são as mais cômodas — e menos custosas — para nós em nossa cultura.

Se você pedir para qualquer líder cristão conhecido fazer uma declaração pública sobre a pobreza, o tráfico sexual ou sobre a crise dos órfãos, ele partilhará com muita alegria, ousadia e clareza suas convicções. Contudo, se você pedir ao mesmo líder cristão, no mesmo contexto público, para fazer uma declaração sobre a homossexualidade ou o aborto, ele responderá com nervosismo hesitante ou lhe dirá praticamente alguma heresia, isso, é claro, se lhe der alguma resposta. “Essa questão não me preocupa”, talvez ele diga. “Estou preocupado com outros problemas, e é sobre eles que quero falar.”

O efeito prático disso fica evidente no cenário cristão contemporâneo. Todo tipo de jovem evangélico tem blogs, tira fotos, envia tuítes e participa de congressos nos quais luta para aliviar a pobreza e pôr fim à escravidão. Outros evangélicos se preocupam com as crianças americanas deixadas aos cuidados temporários de uma família e adotam órfãos do mundo todo. Muitos desses esforços são bons e não devem ser interrompidos. O problema, porém, é quando esses mesmos evangélicos ficam em silêncio quando se toca em

questões culturais mais polêmicas, como o aborto ou o casamento entre pessoas do mesmo sexo. “Não me preocupo com essas coisas”, eles pensam. “Fico mais à vontade discutindo outros assuntos”.

Mas, e se Cristo nos ordena que nos preocupemos com essas coisas? E se o chamado de Cristo em nossa vida não for para nos acomodarmos em nossa cultura? E se Cristo, em nós, na verdade nos impele a confrontar nossa cultura, em vez de ficarmos sentados só observando o curso das tendências culturais e sutilmente aderindo às mudanças da maré cultural? E se, em vez disso, Cristo na verdade estiver nos impelindo a partilharmos e mostrarmos corajosamente nossas convicções, por meio daquilo que falamos, pela forma como vivemos, mesmo (ou especialmente) quando essas convicções contradizem as posturas populares hoje em dia? E se nos pede para fazer tudo isso com uma mente livre de arrogância ou sem endurecer o coração, mas movidos pela compaixão humilde de Cristo sempre manifestada em tudo o que falarmos e fizermos?

Não é essa, afinal de contas, a essência do que significa, antes de tudo, seguir a Cristo? “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23). Isso é contracultural. Num mundo em que tudo gira em torno de nós mesmos — de nos protegermos, nos promovermos, consolarmos a nós mesmos, cuidarmos de nós mesmos — Jesus diz: “Crucifique-se a si mesmo. Ponha de lado a autopreservação para viver em função de glorificar a Deus, não importa o que isso signifique para você em seu contexto cultural”.

Não é essa, no fim, a questão mais importante em qualquer cultura? Ou melhor dizendo, não é *ele*, no fim, a questão mais importante de qualquer cultura? E se a questão mais importante hoje em nossa cultura não for a pobreza ou o tráfico de pessoas para exploração sexual; e se não for a homossexualidade ou o aborto? E se a questão principal for *Deus*? O que aconteceria se fizéssemos *dele* o motivo da nossa reflexão? Em um mundo marcado por escravidão e imoralidade sexuais, por abandono e assassinato de crianças, por

racismo e perseguição, pelas necessidades dos pobres e por descaso com as viúvas, como deveremos agir se fixarmos o olhar na santidade, no amor, na bondade, na verdade, na justiça, na autoridade e na misericórdia de Deus revelados no evangelho?

São essas as perguntas que norteiam este livro, e eu o convido a explorá-las comigo. Não estou afirmando de modo algum que tenho todas as respostas. Na verdade, uma das razões pelas quais decidi escrever este livro foi o fato de ter percebido, em minha própria vida, minha família e meu ministério, uma tendência para um engajamento ousado e ativo em certas questões sociais, mas, ao mesmo tempo, uma tendência a negligenciar outras questões de modo passivo e antibíblico. Percebi que se olhássemos honestamente para nossa vida, para nossas famílias e igrejas, nos daríamos conta de que boa parte da nossa suposta justiça social é, na verdade, uma injustiça social seletiva. É possível que venhamos a reconhecer que coisas que víamos como problemas sociais distintos se encontram, na verdade, intimamente relacionadas à nossa compreensão de quem Deus é e do que ele está fazendo no mundo. Nesse processo, é provável que venhamos a descobrir que o mesmo coração de Deus que nos move a combater o tráfico de pessoas para exploração sexual também nos move a combater a imoralidade sexual. Descobriremos que o mesmo evangelho que nos compele a combater a pobreza também nos compele a defender o matrimônio. E, no final, pode ser que decidamos reorganizar nossa vida, nossas famílias e igrejas em torno de dar uma resposta mais coerente, impelida por Cristo e de caráter contracultural aos problemas sociais mais urgentes dos nossos dias.

Certamente que as conclusões a que chegarmos no sentido de confrontarmos a cultura podem ter um alto custo para mim e para você. Nesse momento, porém, não creio que isso terá muita importância, uma vez que nossos olhos deixarão de estar fixos no que é mais cômodo para nós; em vez disso, nossa vida estará voltada para aquilo que mais glorifica a Deus, e nele encontraremos uma recompensa muito maior do que qualquer coisa que nossa cultura jamais poderá nos oferecer.

CAPÍTULO 1

A MAIOR DAS OFENSAS: O EVANGELHO E A CULTURA

O evangelho é a força vital do cristianismo e proporciona o fundamento para *confrontar a cultura*. Pois quando cremos de verdade no evangelho, começamos a perceber que ele não só *constrange* o cristão a confrontar as questões sociais à sua volta, mas também *cria* de fato uma confrontação com a cultura ao seu redor — e dentro de nós.

É cada vez mais comum que os pontos de vista bíblicos sobre questões sociais sejam rotulados de ofensivos. Para um número cada vez maior de pessoas, por exemplo, é ofensivo dizer que uma mulher que sinta afeição por outra mulher não deva expressar seu amor por meio do casamento. Sem demora o cristão se vê acuado quanto a essa questão, não querendo soar ofensivo, mas, ao mesmo tempo, se perguntando qual deve ser sua resposta.

É nesse ponto, porém, que temos de reconhecer que a visão bíblica da homossexualidade não é a maior ofensa no cristianismo. Na verdade, não é nem de longe a maior delas. O evangelho em si é uma ofensa muito, muitíssimo maior. Temos de começar, portanto, analisando o que é o evangelho. Temos de nos perguntar: Acreditamos mesmo nele? Nossa resposta a essa pergunta muda fundamentalmente nossa vida na cultura em que vivemos.

NO PRINCÍPIO, DEUS

A ofensa do evangelho começa já com as primeiras palavras da Bíblia.¹ “No princípio, Deus...” (Gn 1.1). A afronta inicial do evangelho é que há um Deus com o qual, por meio do qual e para o qual todas as coisas começam. “... o eterno Deus, o SENHOR, [é] o Criador dos confins da terra” (Is 40.28). Como todas as coisas começam com Deus e, em última análise, existem para Deus, nada em toda a criação é irrelevante para ele.

Como é o Criador? “Eu sou o SENHOR, vosso Santo”, diz Deus em Isaías 43.15. Em outras palavras, ele é totalmente sem igual — diferente de nós e a quem não podemos nos comparar. Ele é de outro tipo. Deus é absolutamente puro, e não há nele nada errado. Nada. Tudo o que Deus é e tudo o que faz é certo. Nele não há erro. Ele é incomparável.

Esse Deus santo também é bom. “O SENHOR é bom para todos, e suas misericórdias estão sobre todas as suas obras” (Sl 145.9). A bondade divina fica evidente desde o início da Escritura, onde é dito que tudo o que ele cria é “bom”, culminando com o homem e a mulher, a cuja criação a Escritura também se refere como algo “muito bom” (veja Gn 1.4,10,12,18,21,25,31). A grandiosidade universal da criação testifica a inegável bondade do Criador.

A bondade de Deus se expressa em sua justiça. “O SENHOR julga os povos” (Sl 7.8), e os julga perfeitamente. Deus justifica o inocente e condena o culpado. Consequentemente: “Justificar o ímpio e condenar o justo são duas abominações para o SENHOR” (Pv 17.15). Como bom juiz, Deus se enfurece com a injustiça. Ele detesta os que dizem ao ímpio “você é bom”, e os que dizem ao justo, “você é ímpio”. Deus é um juiz perfeito.

¹Um excelente artigo a esse respeito é Dan Phillips, “The most offensive verse in the Bible”, PyroManiacs (blog), Feb. 26, 2013, disponível em: <http://teampyro.blogspot.com/2013/02/the-most-offensive-verse-in-bible.html>.